

NEALE DONALD WALSCH

CONVERSAS COM

DEUS

LIVRO 1

Traduzido por Marta Pinho

Agradecimentos

Em primeiro e último lugar, e sempre, quero agradecer à Fonte de tudo o que está neste livro, de tudo o que é vida – e da vida em si mesma.

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus mestres espirituais, entre os quais se incluem os santos e sábios de todas as religiões.

Em terceiro lugar, para mim, é claro que todos nós podemos elaborar uma lista de pessoas que tocaram as nossas vidas de modos tão importantes e profundos a ponto de não ser possível categorizá-los ou descrevê-los; pessoas que partilharam connosco a sua sabedoria, que nos contaram a sua verdade, que suportaram as nossas falhas e manias na sua infinita paciência e que sempre nos acompanharam ao longo de tudo; que viram em nós o melhor que havia para ver. Pessoas que, aceitando-nos e recusando-se a aceitar as partes de nós que sabiam que não tínhamos escolhido, levaram-nos a crescer, a sermos *maiores*.

As pessoas, além dos meus pais, que estiveram sempre presentes para mim dessa forma foram, entre outras, Samantha Gorski, Tara-Jenelle Walsch, Wayne Davis, Bryan Walsch, Martha Wright, o falecido Ben Wills Jr., Roland Chambers, Dan Higgs, C. Berry Carter II, Ellen Moyer, Anne Blackwell, Dawn Dancing Free, Ed Keller, Lyman W. (Bill) Griswold, Elisabeth Kübler-Ross e a querida Terry Cole-Whittaker.

Quero incluir neste grupo os meus antigos colegas, cuja privacidade desejo respeitar, não indicando por isso os seus nomes, mas

cujas contribuições para a minha vida foram profundamente assimiladas e são profundamente apreciadas.

Enquanto a gratidão pelos dons que recebi de todas estas pessoas maravilhosas preenche o meu coração, sinto-me particularmente reconfortado pela atenção da minha colaboradora, esposa e companheira, Nancy Fleming Walsch, mulher de uma sabedoria extraordinária, compaixão e amor, que me mostrou que os meus pensamentos mais elevados sobre as relações humanas não têm de ser fantasias, podendo ser sonhos realizados.

Em quarto lugar, e finalmente, quero agradecer a algumas pessoas que nunca conheci, mas cujas vidas e trabalho tiveram um impacto em mim tão intenso que não posso deixar passar este momento sem lhes agradecer do fundo do meu ser pelos momentos de profundo prazer, pela visão da condição humana e pelo puro e simples *Lifefeeelkin* (inventei esta palavra!) que me deram.

Sabe quando alguém lhe deu o sabor, um momento glorioso do que *é realmente verdadeiro na vida*? Para mim, foram sobretudo artistas criativos ou performativos, porque é da arte que recebo inspiração, é nela que me recolho em momentos de reflexão e em que encontro aquilo a que chamamos Deus expresso do modo mais belo.

Assim, quero agradecer a... John Denver, cujas canções tocam a minha alma e me enchem de esperança renovada sobre como a vida pode ser; Richard Bach, cujos escritos fazem eco na minha vida como se fossem meus, descrevendo muito do que tem sido a minha experiência; Barbra Streisand, cujas realização, representação e arte musical prendem o meu coração repetidamente, levando-o a *sentir* o que é verdadeiro, e não simplesmente a reconhecê-lo; e a Robert Heinlein, cuja literatura visionária levantou questões e apresentou respostas de formas que mais ninguém se atrevera sequer a abordar.

Para

ANNE M. WALSCH

Que não só me ensinou que Deus existe,
mas abriu a minha mente à assombrosa verdade
de que Deus é o meu melhor amigo;
e que foi muito mais do que uma mãe para mim,
deu à luz *em* mim
um desejo e um amor por Deus,
e por tudo o que é bom.
A minha mãe foi
o meu primeiro encontro
com um anjo.

E para

ALEX M. WALSCH

Que me disse repetidamente ao longo da minha vida:
«Não tem nada que saber»,
«Não tens de aceitar um “não” como resposta»,
«És tu que fazes a tua própria sorte»
e
«Há mais de onde isso veio».
O meu pai foi
a minha primeira experiência
de coragem.

Introdução

Está prestes a ter uma experiência extraordinária. Está prestes a ter uma conversa com Deus. Sim, sim. Eu sei... Não é possível. Provavelmente pensa (ou assim lhe ensinaram) que *não é possível*. Podemos falar *para* Deus, claro, mas não *com* Deus. Quer dizer, Deus não vai *responder*, certo? Pelo menos não na forma de uma conversa normal do dia a dia!

Era o que eu também pensava. Até que este livro me aconteceu. Literalmente. Este livro não foi escrito *por* mim, ele aconteceu-*me*. E, durante a sua leitura, irá acontecer-*lhe* a si, pois *todos somos conduzidos à verdade para a qual estamos preparados*.

A minha vida seria provavelmente muito mais fácil se eu tivesse mantido tudo isto em segredo. Contudo, não foi por isso que me aconteceu. E apesar dos aborrecimentos que o livro me possa causar (como chamarem-me blasfemo, fraude, hipócrita por não ter vivido estas verdades no passado, ou – talvez pior – homem santo), agora não me é possível travar o processo. Nem eu quero. Já tive oportunidades para me afastar de tudo isto e não as agarrei. Decidi ser fiel àquilo que os meus instintos me dizem, e não àquilo que grande parte do mundo me dirá, sobre o material aqui presente.

Esses instintos dizem que este livro não é um disparate, a elaboração de uma imaginação espiritual frustrada, ou simplesmente uma autojustificação de um homem que procura vingar-se de uma vida malconduzida. Ah, eu pensei em todas essas coisas e em cada uma delas. Por isso, dei este material a ler a várias pessoas enquanto ainda era um manuscrito. Essas pessoas ficaram comovidas. E choraram.

E riram pela alegria e pelo humor nele contidos. E as suas vidas, disseram, mudaram. Ficaram fascinadas. Foram empoderadas. Muitas disseram que foram transformadas.

Foi então que percebi que este livro era para todos e que *tinha* de ser publicado; porque é um presente maravilhoso para quem quer verdadeiramente respostas e para quem se importa realmente com as perguntas; para quem embarcou em busca da verdade com o coração sincero, a alma ardente e a mente aberta. Praticamente *todos nós*.

Este livro aborda a maior parte das questões, se não todas, que alguma vez colocámos sobre a vida e o amor, propósito e função, pessoas e relações, bem e mal, culpa e pecado, perdão e redenção, o caminho para Deus e o caminho para o Inferno... Tudo. Discute abertamente sexo, poder, dinheiro, crianças, casamento, divórcio, trabalho, saúde, o Além, o passado... *Tudo*. Explora a guerra e a paz, saber e não saber, dar e receber, alegria e tristeza. Foca-se no concreto e no abstrato, no visível e no invisível, na verdade e na inverdade.

Poder-se-ia dizer que este livro é «a última palavra de Deus sobre várias coisas», embora algumas pessoas possam ter alguma dificuldade em acreditar nisso, sobretudo se pensarem que Deus deixou de falar há dois mil anos ou que, se continuou a comunicar, foi só com homens santos, feiticeiras ou alguém que medita há 30 anos, que é boa pessoa há 20, ou pelo menos decente há 10 (não me incluo em nenhuma destas categorias).

A verdade é que Deus fala a toda a gente. Ao bom e ao mau. Ao santo e ao canalha. E a todos nós que estamos pelo meio, sem dúvida. Pense em si, por exemplo. Deus foi ao seu encontro de muitas formas na sua vida, e esta é mais uma. Quantas vezes ouviu o velho ditado «quando o aluno estiver pronto, o professor aparecerá»? Este livro é o nosso professor.

Pouco depois de este material começar a acontecer-me, percebi que estava a falar com Deus. Diretamente, pessoalmente. Irrefutavelmente. E que Deus estava a responder às minhas perguntas em direta proporção com a minha capacidade de compreender. Isto é, estava a receber respostas de formas e com uma linguagem que

Deus sabia que eu perceberia. Isto explica em grande medida o estilo coloquial da escrita e as referências ocasionais ao material que recolhi de outras fontes e anteriores experiências da minha vida. Hoje sei que tudo o que me chegou na vida *chegou de Deus* e que estava a ser atraído e reunido numa magnífica e completa resposta a *todas as perguntas que alguma vez tive*.

E algures pelo caminho percebi que estava a ser produzido um livro – um livro destinado a ser publicado. De facto, foi-me dito durante a parte final do diálogo (em fevereiro de 1993) que, na verdade, seriam produzidos *três* livros, e que:

1. O primeiro abordaria sobretudo temas pessoais, centrando-se nos desafios e oportunidades da vida de um indivíduo.

2. O segundo abordaria temas mais globais da vida geopolítica e metafísica do planeta, bem como os desafios que o mundo enfrenta atualmente.

3. O terceiro abordaria verdades universais do mais alto nível e os desafios e oportunidades da alma.

Este é o primeiro desses livros, terminado em fevereiro de 1993. Para que fique claro, devo explicar que, ao transcrever este diálogo à mão, sublinhei ou assinali palavras e frases que me chegaram com particular ênfase – como se Deus estivesse a gritá-las –, que foram depois colocadas em itálico pelo paginador.

Agora tenho de dizer que hoje me sinto – depois de ter lido e relido a sabedoria aqui contida – profundamente envergonhado pela minha vida, que foi marcada por erros e más ações constantes, alguns comportamentos muito vergonhosos e algumas escolhas e decisões que estou certo que outros consideraram prejudiciais e imperdoáveis. Embora sinta um remorso profundo por ter sido através da dor dos outros, estou inexprimivelmente grato por tudo o que aprendi, e que descobri que *ainda* tenho a aprender, graças às pessoas que fazem parte da minha vida. Peço desculpa a todos pela lentidão dessa aprendizagem. Contudo, sou encorajado por Deus a conceder a mim mesmo perdão pelas minhas falhas e a não viver

no medo e na culpa, mas a continuar sempre a tentar – continuar a tentar – viver uma visão mais grandiosa.

Eu sei que é isso que Deus quer para todos nós.

Neale Donald Walsch
Central Point, Oregon
Natal de 1994

CONVERSAS COM

DEUS

1

Na primavera de 1992 – por volta da Páscoa, se bem me lembro – ocorreu um fenómeno extraordinário na minha vida. Deus começou a falar consigo. Através de mim.

Eu explico.

Nessa altura eu andava muito infeliz, em termos pessoais, profissionais e emocionais, e a minha vida parecia-me um fracasso a todos os níveis. Uma vez que, anos antes, ganhara o hábito de escrever os meus pensamentos em cartas (que normalmente não enviava), peguei no meu fiel caderno azul e comecei a despejar o que sentia.

Dessa vez, ao invés de escrever mais uma carta a uma pessoa imaginária a vitimizar-me, decidi ir diretamente à fonte; diretamente ao maior vitimador de todos. Decidi escrever uma carta a Deus.

Era uma carta rancorosa e impulsiva, cheia de confusões, contorções e condenações. E com um *monte* de perguntas furiosas.

Porque é que a minha vida não estava a funcionar? O que seria preciso para *fazê-la* funcionar? Porque é que eu não conseguia encontrar felicidade nas relações? A experiência de ter dinheiro suficiente iria escapar-me para sempre? Por fim – e a mais enfática –, *o que fizera eu para merecer uma vida de luta constante?*

Para minha surpresa, enquanto rabiscava a última das minhas perguntas amargas e sem resposta, e quando me preparava para pousar a caneta, a minha mão ficou parada sobre a folha, como que presa por uma força invisível. De repente, a caneta começou a *mexer-se sozinha*. Eu não fazia ideia do que estava prestes a escrever,

mas havia uma ideia que parecia insinuar-se, por isso, decidi deixar-me ir. E saiu...

Queres mesmo uma resposta para todas essas perguntas, ou estás só a desabafar?

Pestanejei... E então a minha mente formulou uma resposta. Também a escrevi.

As duas coisas. Estou a desabafar, claro, mas se estas perguntas tiverem resposta é tão certo como existir Inferno que gostava de as ouvir!

Tu consideras que muitas coisas são «certas como existir Inferno». Mas não seria melhor ser e estar «certo como existir Céu»?

E eu escrevi:

O que quer isso dizer?

Sem me aperceber, iniciara uma conversa.... E não estava tanto a escrever, mas mais a *fazer um ditado*.

Esse ditado prolongou-se por três anos e, na altura, eu não fazia ideia de para onde ia. As respostas às perguntas que eu colocava no papel só me vinham depois de a pergunta estar completamente escrita e de eu *afastar os meus pensamentos*. Muitas vezes as respostas chegavam mais depressa do que eu as conseguia escrever, e dava por mim a fazer gatafunhos para acompanhar. Quando ficava confuso ou perdia a sensação de que as palavras vinham de outro lugar, pousava a caneta e afastava-me do diálogo até voltar a sentir-me inspirado – peço desculpa, é a única palavra que se encaixa realmente – a voltar ao caderno amarelo e a recomeçar a transcrever.

Estas conversas ainda duram enquanto escrevo isto. E grande parte delas encontra-se nas páginas seguintes... Páginas que contêm um espantoso diálogo no qual eu não acreditei, ao início, e que depois presumi ser de valor pessoal, mas que hoje sei que se destina a mais pessoas além de mim. Destina-se a si e a todas as outras pessoas que

se deparam com este material. Porque as minhas perguntas são as suas perguntas.

Quero que entre neste diálogo o mais depressa possível, porque o que é realmente importante aqui não é a *minha* história, mas a *sua*. Foi a *sua* história de vida que o trouxe até aqui. É para a *sua* experiência pessoal que este material tem relevância. Caso contrário, você não estaria aqui, com ele, neste momento.

Então, vamos iniciar o diálogo com uma pergunta que eu andava a fazer há muito tempo: Como é que Deus fala e a quem? Quando fiz esta pergunta, eis a resposta que recebi:

Eu falo com toda a gente. A todos os momentos. A pergunta não é a quem falo, mas quem escuta.

Intrigado, pedi a Deus que desenvolvesse este tema. Eis o que Ele disse:

Primeiro, vamos trocar a palavra *falar* pela palavra *comunicar*. É uma palavra muito melhor, mais completa e precisa. Quando tentamos comunicar um com o outro – eu contigo, tu comigo – somos imediatamente constringidos pela inacreditável limitação das palavras. Por este motivo, não comunico apenas por palavras. Aliás, raramente o faço. A Minha forma mais comum de comunicar é através do *sentimento*.

Os sentimentos são a linguagem da alma.

Se queres saber o que é verdade para ti sobre algo, vê como te *sentes* acerca disso.

Os sentimentos são por vezes difíceis de descobrir – e muitas vezes ainda mais difíceis de reconhecer. E, contudo, nos teus sentimentos mais profundos está escondida a tua maior verdade.

O truque é chegar a esses sentimentos. Vou mostrar-te como – mais uma vez, se o quiseres.

Disse a Deus que queria, mas que naquele momento queria ainda mais uma resposta completa para a minha primeira pergunta. Eis o que Ele disse:

Eu também comunico através do *pensamento*. Pensamento e sentimentos não são a mesma coisa, embora possam ocorrer ao mesmo tempo. Ao comunicar com o pensamento, costumamos usar imagens e figuras. Por isso, como ferramentas de comunicação, os pensamentos são mais eficazes do que meras palavras.

Além dos sentimentos e pensamentos, também uso o veículo da *experiência* como grande comunicadora.

E, por fim, quando os sentimentos, os pensamentos e a experiência falham, uso *palavras*. As palavras são mesmo o comunicador menos eficaz. São mais propensas a interpretações erradas, maioritariamente mal compreendidas.

E porquê? Por causa daquilo que as palavras *são*. As palavras são meras enunciações: *ruídos* que *substituem* sentimentos, pensamentos e experiência. São símbolos. Sinais. Insígnias. Não são a Verdade. Não são o real.

As palavras podem ajudar-te a perceber algo. A experiência permite-te saber. Mas há coisas que não podes experimentar. Por isso, dei-te outras ferramentas de conhecimento – os sentimentos, e também os pensamentos.

O que é irónico é que todos vocês deram imensa importância à Palavra de Deus, e muito pouca à experiência.

Aliás, deram pouco valor à experiência que, quando o que *experimentam* de Deus difere do que *ouvirem* sobre Deus, automaticamente *descartam a experiência e agarram-se às palavras*, quando deveria ser ao contrário.

A tua experiência e os teus sentimentos sobre algo representam aquilo que factual e intuitivamente sabes sobre isso. As palavras só procuram *simbolizar* aquilo que sabes, e muitas vezes podem *confundi-lo*.

Estas, então, são as ferramentas com que comunico, mas não são os métodos, pois nem todos os sentimentos, nem todos os

pensamentos, nem toda a experiência e nem todas as palavras vêm de Mim.

Muitas palavras foram proferidas por outros, em Meu nome. Muitos pensamentos e muitos sentimentos foram apoiados por causas que não são da Minha direta criação. Muitas experiências resultam daí.

O desafio aqui é um de discernimento. A dificuldade é saber a diferença entre mensagens de Deus e dados de outras fontes. A discriminação é uma matéria simples com a aplicação de uma regra básica:

O que vem de Mim é sempre o teu Pensamento Mais Elevado, a tua Palavra Mais Clara, o teu Sentimento Mais Grandioso. Tudo o menos provém de outra fonte.

Assim, a tarefa de diferenciar torna-se fácil, porque não deve ser difícil nem para o estudante iniciado identificar o Mais Elevado, o Mais Claro e o Mais Grandioso.

Mas vou dar-te estas orientações:

O Pensamento Mais Elevado é sempre aquele que contém alegria. As Palavras Mais Claras são aquelas que contêm verdade. O Sentimento Mais Grandioso é aquele a que chamas amor.

Alegria, verdade, amor.

Estes três são intermutáveis, e um leva sempre aos outros. Não importa por que ordem estão colocados.

Depois de, com estas orientações, se determinar quais as mensagens que são Minhas e quais vieram de outra fonte, a única pergunta que resta é se as Minhas mensagens serão notadas.

A maior parte não o é. Algumas porque parecem boas demais para serem verdade. Outras porque parecem difíceis demais para entender. Muitas porque são simplesmente mal compreendidas. A maior parte porque não é recebida.

A Minha mensagem mais poderosa é a experiência, e até esta vocês ignoram. *Sobretudo* esta.

O vosso mundo não estaria no estado em que está se vocês tivessem ouvido a vossa experiência. O resultado de não

a ouvirem é que continuam a revivê-la, uma e outra vez. Mas o Meu propósito não será contrariado nem ignorado. Vocês *captarão* a mensagem. Mais cedo ou mais tarde.

Mas não vos vou forçar. Nunca vos coagirei. Porque dei-vos o livre-arbítrio – o poder de fazerem o que quiserem – e nunca vo-lo retirarei, nunca.

Assim, continuarei a enviar-vos as mesmas mensagens repetidas vezes, através dos milénios e para todos os cantos do universo que ocuparem. Enviar-vos-ei interminavelmente as Minhas mensagens, até as receberem e as acolherem, chamando-lhes vossas.

Estas chegarão sob centenas de formas, em milhares de momentos, ao longo de um milhão de anos. Se estiverem verdadeiramente atentos, será impossível perdê-las. Depois de ouvidas em pleno, não poderão ignorá-las. E assim a nossa comunicação começará a sério. Porque no passado vocês só falaram *comigo*, rezaram a Mim, intercederam a Mim, suplicaram a Mim. Contudo, agora posso falar convosco, tal como estou a fazer agora.

Como posso saber que esta comunicação é de Deus? Como sei que não é a minha imaginação?

Qual seria a diferença? Não vês que eu poderia atuar através da tua imaginação tão facilmente como com qualquer outra coisa? Eu vou trazer-te os pensamentos, as palavras ou os sentimentos *exatamente* certos, a qualquer momento, adequados com precisão ao propósito em causa, usando um expediente, ou vários.

Saberás que essas palavras vêm de Mim, porque tu, espontaneamente, nunca falaste de forma tão clara. Se já o tivesses feito em relação a estas perguntas, não estarias a colocá-las.

Com quem é que Deus comunica? Existem pessoas especiais? Existem momentos especiais?

Todas as pessoas são especiais, e todos os momentos são de ouro. Não existe nenhuma pessoa nem nenhum momento

mais especial do que outro. Muitas pessoas optam por acreditar que Deus comunica de modos especiais e só com pessoas especiais. Isto isenta a maior parte da responsabilidade de ouvir a Minha mensagem, quanto mais de *recebê-la* (que é outra questão), e permite-lhes acreditar na palavra de outrem para tudo. Tu não *tens* de Me ouvir, porque já decidiste que outros Me ouviram falar sobre todos os assuntos, e é a *eles* que escutas.

Se ouvires o que *outras* pessoas pensam ter-Me ouvido dizer, *tu* não tens de *pensar*.

Esta é a principal razão para a maior parte das pessoas se desviar das Minhas mensagens a nível pessoal. Se reconheceres que estás a receber as Minhas mensagens *diretamente*, então és responsável por interpretá-las. É muito mais seguro e muito mais fácil aceitar a interpretação de outros (até daqueles que viveram há dois mil anos) do que procurar interpretar a mensagem que podes muito bem estar a receber neste momento.

Contudo, convido-te para uma nova forma de comunicação com Deus. Uma comunicação *de duas vias*. Na verdade, tu é que Me convidaste. Pois Eu vim até ti, nesta forma, neste momento, em *resposta à tua chamada*.

Porque é que algumas pessoas, Cristo, por exemplo, parecem ouvir mais a Tua Comunicação do que outras?

Porque algumas pessoas estão dispostas a escutar. Estão dispostas a ouvir com atenção e a manterem-se *abertas* à comunicação, mesmo quando esta parece assustadora, ou louca, ou totalmente errada.

Devemos escutar Deus, mesmo quando o que é dito parece errado?

Especialmente quando parece errado. Se acham que estão certos acerca de tudo e em todas as ocasiões, quem precisa de falar com Deus?

Força, age com base naquilo que sabes. Mas repara que vocês têm feito isso desde o princípio dos tempos. E olha o estado em que o mundo está. Claramente vos escapou alguma coisa. Obviamente há algo que não compreendem. Aquilo que compreendem tem de parecer certo para vocês, porque «certo» é um termo que usam para designar algo com que concordam. Assim, aquilo que vos escapou parecerá, ao início, «errado».

A única maneira de avançar é perguntares a ti mesmo: «O que aconteceria se tudo o que eu julgo ser “errado” fosse, na verdade, “certo”?» Todos os grandes cientistas sabem o que isso é. Quando aquilo que um cientista faz não funciona, este coloca de lado todos os pressupostos e começa de novo. Todas as grandes descobertas foram feitas a partir da disponibilidade, da capacidade, para *não estar certo*. É isso que aqui se exige.

Só conseguirás conhecer Deus quando deixares de dizer a ti mesmo que já O conheces. Só conseguirás ouvir Deus quando deixares de pensar que já O ouviste.

Eu só conseguirei dizer-te a Minha Verdade quando deixares de Me dizer a tua.

Mas a minha verdade sobre Deus vem de *Ti*.

Quem disse?

Outras pessoas.

Quais outras pessoas?

Líderes. Pastores. Rabinos. Padres. Livros. A Bíblia, por amor de Deus!

Essas não são fontes dignas de crédito.

Não?

Não.

Então o que é digno de crédito?

Ouve os teus *sentimentos*. Ouve os teus Pensamentos Mais Elevados. Ouve a tua experiência. Sempre que um destes for diferente daquilo que os teus professores te disseram, ou do que leste nos teus livros, esquece as palavras. *As palavras são o fornecedor menos fiável da Verdade.*

Há tantas coisas que Te quero dizer, tantas que quero perguntar. Não sei por onde começar.

Por exemplo, porque é que não Te revelas? Se existe realmente um Deus, e se és Tu, porque não Te revelas de um modo que possamos todos perceber?

Já o fiz, repetidas vezes. Estou a fazê-lo neste momento.

Não, através de um método de revelação que seja incontestável, que não possa ser negado.

Tal como?

Como aparecer agora diante dos meus olhos.

Estou a fazer isso mesmo.

Onde?

Para onde quer que olhes.

Não, de um modo incontestável, quero dizer. Um que ninguém possa negar.

E que modo seria esse? Em que modo ou forma gostarias que Eu aparecesse?

Na forma que realmente tens.

Isso seria impossível, porque não tenho forma que tu compreendas. Podia *adotar* uma que *pudesses* compreender, mas depois todos assumiriam que aquilo que viram é a única forma de Deus, e não *uma* forma de Deus, uma entre muitas.

As pessoas acreditam que sou como Me veem, e não aquilo que *não* veem. Mas sou o Grande Invisível, não aquilo que Me faço ser num momento específico. De certo modo, sou aquilo que *não* sou. É do *não ser* que venho, e é para ele que regresso sempre.

Contudo, quando surjo numa ou noutra forma – uma na qual eu julgo que as pessoas conseguirão compreender-me – *atribuem-me essa forma para sempre*.

E se surgir noutras formas a várias pessoas, a primeira dirá que não apareci à segunda, porque a segunda não me viu como a primeira, nem ouviu de Mim as mesmas coisas. Então, como poderia ser Eu?

Então, como vês, não importa em que forma ou de que modo Me revelo; seja qual for o modo que escolha ou a *forma* que assumo, *nenhum* será incontestável.

Mas se *fizesses* algo que mostrasse a verdade de quem és sem qualquer dúvida ou questão...

Haveria ainda quem dissesse que é obra do Diabo, ou apenas fruto da imaginação de alguém. Ou qualquer outra causa que não Eu.

Se me revelasse como Deus Todo-Poderoso, Rei do Céu e da Terra, e movesse montanhas para prová-lo, haveria quem dissesse: «Só pode ter sido Satanás».

E é assim que deveria ser. Porque Deus não revela Deus a Deus a partir ou através da observação exterior, mas sim da experiência interior. E quando a experiência interior revela Deus, a observação exterior não é necessária. E se a observação exterior é necessária, a experiência interior não é possível.

Então, se a revelação é pedida, não pode ser obtida, pois o ato de pedir é uma afirmação de que não está lá; que nada de Deus está a ser revelado. Tal afirmação produz a experiência. Porque o teu pensamento sobre algo é *criativo* e a tua palavra é *produtiva*, e estes juntos são magnificamente eficazes em fazer nascer a tua realidade. Por isso, terás a experiência de que *Deus não é agora revelado*, porque se Deus fosse revelado, não *pedirias* a Deus para se revelar.

Isso significa que não posso pedir algo que deseje? Estás a dizer que rezar por alguma coisa, na verdade, *afasta-a*?

Essa é uma pergunta que tem sido feita ao longo dos tempos e que foi respondida sempre que colocada. Contudo, vocês não ouviram a resposta, ou não quiseram acreditar nela.

A pergunta é respondida novamente, em termos atuais, em linguagem quotidiana, deste modo:

Não terás aquilo que pedes, nem podes ter tudo o que queres. Isto porque o teu pedido, em si, é uma afirmação de falta, e tu dizeres que queres uma coisa só serve para produzir essa experiência precisa de querer na tua realidade.

Assim, a oração correta nunca é uma oração de súplica, mas uma oração de gratidão.

Quando agradeces a Deus *antecipadamente* por aquilo que decides experienciar na tua realidade, na verdade estás a reconhecer que está lá... *com efeito*. A gratidão é, assim, a declaração mais poderosa que podes fazer a Deus; uma afirmação de que, mesmo antes de pedires, eu já concedi.

Por isso, nunca supliques. *Agradece*.

E se eu estiver grato a Deus antecipadamente por algo e isso nunca aparecer? Tal situação pode conduzir a desilusão e amargura.

A gratidão não pode ser usada como ferramenta para *manipular* Deus, como *instrumento* para enganar o universo. Não podes mentir a ti próprio. A tua mente sabe a verdade dos teus

pensamentos. Se disseres «Obrigado, Deus, por isto e aquilo», deixando bem claro que isso *não* existe na tua realidade atual, não podes esperar que Deus seja *menos* claro do que tu, e assim produzir isso mesmo para ti.

Deus sabe o que tu sabes, e o que tu sabes é o que aparece como a tua realidade.

Mas então, como posso estar verdadeiramente grato por algo que eu *sei que não existe*?

Fé. Se tiveres nem que seja a fé de uma semente de mostarda, moverás montanhas. Acabarás por saber que existe, porque Eu *disse* que existe; porque *disse* que, mesmo antes de perguntares, Eu terei respondido; porque *disse* que, e disse-te de todas as formas imagináveis, através de todos os professores que conseguires indicar, o que quer que seja que escolhas, se o escolheres em Meu Nome, assim será.

Contudo, muitas pessoas dizem que as suas orações não tiveram resposta.

Nenhuma oração – e uma oração nada mais é do que uma afirmação ardente *daquilo que é* – fica por responder. Todas as orações – todos os pensamentos, todas as afirmações, todos os sentimentos – são criativas. Até ao ponto de serem ardentemente vistas como verdade, de se manifestarem na tua experiência.

Quando se diz que uma oração não teve resposta, o que realmente aconteceu foi que o pensamento, palavra ou sentimento mais ardente se tornou *operativo*. E, ainda assim, o que deves saber – e aqui jaz o segredo – é que é sempre o pensamento por detrás do pensamento (aquilo a que se poderia chamar Pensamento de Suporte) que é o pensamento controlador.

Assim, se pedires e suplicares, parece haver uma probabilidade muito menor de experienciares o que pensas estar a escolher, porque o Pensamento de Suporte que está por detrás

de cada súplica é que tu *não tens agora* o que desejas. *Esse Pensamento de Suporte torna-se a tua realidade.*

O único Pensamento de Suporte que seria capaz de se sobrepor a este pensamento é o tido na fé de que Deus dará o que for pedido, *sem falta*. Algumas pessoas têm essa fé, mas são muito poucas.

O processo de rezar torna-se muito mais fácil quando, ao invés de ter de acreditar que Deus dirá sempre «sim» a todos os pedidos, uma pessoa percebe intuitivamente que *o pedido em si não é necessário. Assim sendo, a oração é um agradecimento. Não é de todo um pedido, mas uma declaração de gratidão por aquilo que existe.*

Quando dizes que uma oração é uma declaração de gratidão por aquilo que existe, estás a dizer que Deus não faz nada? Que tudo aquilo que acontece após uma oração é resultado da ação da *oração*?

Se acreditas que Deus é um ser onipotente que ouve todas as orações, que diz «sim» a algumas, «não» a outras e «talvez, mas não agora» às restantes, estás enganado. Por que regra de ouro decidiria Deus? Se acreditas que Deus é *o criador e decisor de todas as coisas* da tua vida, estás enganado.

Deus é o *observador*, não o criador. E Deus está sempre pronto a ajudar-te a viver a tua vida, mas não da forma de que talvez estejas à espera.

A função de Deus não é criar, ou incriar, as circunstâncias ou condições da tua vida. Deus criou-te a *ti*, à imagem e semelhança de Deus. *Tu* criaste o resto, através do poder que Ele te deu. Deus criou o processo da vida e a vida em si tal como a conheces. Mas deu-te liberdade de escolha para fazeres da vida aquilo que quiseres.

Neste sentido, *a tua vontade para ti é a vontade de Deus para ti.* Estás a viver a tua vida da maneira que estás, e *Eu não tenho voto na matéria.*

Esta é a grande ilusão em que te envolveste: que Deus se *importa*, de uma maneira ou de outra, com aquilo que fazes.